

CINEMA DE HORROR: O MEDO É A ALMA DO NEGÓCIO

Caroline Tavares¹

RESUMO

O imaginário humano é povoado pelo horror desde tempos remotos e a literatura sempre foi uma boa maneira de representação das criaturas presentes nesse gênero, mas somente com a chegada do cinema é que esses seres passaram a causar um medo sem precedentes naqueles que sempre apreciaram as histórias de horror. Assim, mostraremos um pouco da história do cinema e do gênero horror, bem como explicaremos sua importância para a história do cinema, utilizando teorias de estudiosos de cinema, bem como críticas e análises dos filmes aqui colocados. Além de buscar uma solução para o presente processo de enfraquecimento do gênero horror.

Palavras-chave: História. Cinema de Horror. Perspectivas.

ABSTRACT

The human imagination is populated by horror since remote times and literature has always been a good way to present this representation of creatures, but only with the advent of cinema is that these beings have cause an unprecedented fear in those who have always appreciated the horror stories. Well, we'll show you a bit about the history of cinema and horror genre, as well as explain its importance for the history of cinema, using theories of film scholars, as well as criticism and reviews of movies here placed. In addition to seek a solution to this weakening of the horror genre.

Keywords: History. Horror Movies. Perspectives.

¹ Caroline Tavares é jornalista, graduada pela Ufal e defendeu seu tcc *Cinema do Horror: O medo é alma do negócio* em dezembro de 2010 sob a orientação do professor doutor Almir Guilhemino.

Imagine alguns homens em uma caverna, que possui somente uma entrada para a luz que essa luz se estende a toda essa caverna. Suponha que esses homens se encontram nesse local desde sua infância e têm suas pernas e pescoço algemados, de modo que só podem permanecer na mesma posição e olhando para o mesmo local, pois são incapazes de virar a cabeça devido às correntes. Ao fundo, de iluminação eles somente contam com um fogo, ao longe, que queima em uma elevação. Entre esses prisioneiros e a fogueira existe um caminho, um tipo de tapume, o mesmo que outros homens usam para que sejam mostrados seus espetáculos diante de um público. Ao longo desse caminho, muitos outros homens passam e transportam os mais diversos objetos e animais, feitos de diferentes materiais. Como é natural, durante esse trajeto, alguns desses homens que passam conversam, outros, passam calados.

Essa situação descrita em *A república*, do filósofo grego Platão fala sobre o “mito da caverna”, onde homens estão acorrentados e são forçados a olhar somente na mesma direção. Tudo o que eles sabem a respeito do mundo além das paredes da caverna é obtido através das sombras projetadas nas paredes desse local.

Sem saber, o filósofo já falava de uma invenção relativamente nova: o cinema, bem como sobre suas questões básicas. Acorrentados, os prisioneiros olhavam apenas para o que era projetado, com isso, as sombras que apareciam nas paredes eram tomadas como realidade. Assim acontece com o espectador quando este se encontra dentro da sala escura do cinema: ele olha em uma única direção e tudo o que se passa no écran é tomado como realidade, a diferença entre os prisioneiros e o espectador é simplesmente que os primeiros estão presos por correntes e o segundo está na sala de projeção por livre e espontânea vontade.

Muito tempo se passa desde que Platão fala sobre sua teoria e na China, 5000 a. C., surge o teatro de sombras, que consiste na projeção de histórias sobre paredes ou telas de linho, sendo o que podemos chamar de um ancestral do cinema. Com o passar do tempo as técnicas se aperfeiçoam e

chegamos ao século XV, com o surgimento da câmara escura. Através dos anos as invenções surgem e chegamos ao cinetoscópio, inventado por Thomas Alva Edison. Surgia a partir do aperfeiçoamento dessa invenção o cinematógrafo, dos irmãos Lumiere, em 1895 e o nome desse aparelho passou então a identificar em todas as línguas aquela que viria a surgir como a sétima arte: cinema.

Graças aos irmãos Lumiere, o cinema surge e com ele as narrativas. O francês George Méliès é o primeiro a se interessar pela nova arte e é considerado o pai do cinema, sendo o pioneiro na utilização de vários recursos como figurino e cenários em suas produções. Após Méliès, surge David W. Griffith, que é conhecido como o criador da linguagem cinematográfica se utilizando de closes, movimentos de câmera e linguagem paralela, além do suspense. É também o primeiro a realizar um longa-metragem: *O nascimento de uma nação*, em 1915. Realizou também a escala de planos, promovendo decupagens de cenas, mostrando os diferentes planos dentro da cena (plano geral, primeiro plano, primeiríssimo plano etc.)

O cineasta francês Abel Gance explora a montagem acelerada, com o intuito de mostrar a idéia de velocidade nas produções e é Serguei Eisenstein, com seu filme, *O Encouraçado Potenkim*, revoluciona e introduz a relação signífica dentro de sua construção semântica, com isso Eisenstein inaugurou a linha de montagem fundamentada na linguagem simbólica das seqüências, através do uso de recursos metafóricos, sendo um dos grandes fundamentos de muitos estudos a respeito das linguagens cinematográficas.

Assuntos como a morte e o incerto foram e sempre serão os assuntos do horror e cada momento histórico teve sua representação sobre ele. O horror pode ser considerado como aquele elemento que não podemos explicar de forma satisfatória, nós não o entendemos e isso nos deixa em uma situação periclitante, sem reação. É o horror, pois, um sentimento que nos domina sem que possamos evitar. Mesmo assim é inevitável que tenhamos uma atração muito grande por tais sentimentos e isso explica o sucesso que a temática do

macabro possui. Aliás, só podemos dizer uma coisa certa relacionada ao horror: o medo é a constante.

Porém o terror não se originou no cinema, ele vem desde a literatura. O antigo horror europeu: mortes misteriosas com pouco sangue, centradas em cenários típicos da Europa medieval, com seus castelos, mansões afastadas, pequenas vilas localizadas no interior da Europa, teatros assombrados e longas capas negras, festas à fantasia com máscaras assustadoras, fantasmas nos esgotos e velas com luzes amareladas que não conseguem afastar definitivamente a escuridão. Esses são alguns dos elementos compõem o clima nesse tipo de horror. Temos como obra marcante nesse meio o livro Drácula, escrito por Bram Stoker, que acabou por estabelecer o padrão do gênero. Outros autores, como o americano Ambrose Bierce, Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Robert de Louis Stevenson, M. G. Lewis, Mary Shelley, Guy de Maupassant, Anatole France e Charles Maturin são alguns dos nomes que serviram de base para o terror e o suspense no cinema.

Até mesmo em histórias aparentemente inocentes, existem mundos estranhos e sombrios, conferindo a elas um toque grotesco, como acontece nas tão conhecidas histórias dos irmãos Grimm. Pois é, mesmo os contos de fada têm um toque intimidador: a bruxa malvada à espreita e órfãos que, para escaparem, tinham que jogá-la no forno; madrasta que falava com um espelho e mandava matar sua enteada para comer seu coração e não se pode esquecer que, mesmo com o final feliz, o Lobo realmente devorou a Chapeuzinho e sua avó. Todos amam essas histórias apesar dessas pitadas de crueldade disfarçadas por finais heróicos e românticos. Mesmo depois de adultos esses mundos bizarros estão presentes em nossa memória - porém de inocentes contos de fadas passamos a preferir os filmes de horror.

O fantástico sempre esteve presente na imaginação do indivíduo e um recurso que ele encontrou para representá-lo foi o cinema. Seja este fantástico dos contos de fadas, dos romances ou das situações engraçadas das comédias, o importante é sua presença. O cotidiano passou a ter uma nova forma através dessas situações e algo com notório destaque são os filmes de

horror (suspense/terror) que sempre conseguem atrair fãs de todas as épocas. Mas nem sempre foi assim.

O gênero terror existe desde os anos 20, com o filme *O gabinete do Dr. Caligari* (1921) do diretor Robert Wiene, que foi o marco inicial, o primeiro filme de terror de que se tem notícia e um dos pilares do chamado horror psicológico. Ao lado dele podemos colocar outros três filmes como sendo responsáveis pelo nascimento do gênero: *O médico e o monstro* (John Barrymore, 1920) – a primeira produção desse tipo feita nos Estados Unidos – *Nosferatu*¹ (Murnau, 1921) e *O fantasma da ópera* (Rupert Julian, 1925). Mas a grande consagração cultural do cinema fantástico ocorreu tardiamente. A princípio, os filmes do gênero eram apenas produtos considerados de “Série B”. Em 1968, o diretor Roman Polanski apavora platéias de todo o mundo com o filme *O bebê de Rosemary*, considerado uma das melhores produções de todos os tempos com o seu horror psicológico, mas a consagração do gênero só chegaria, efetivamente, na década seguinte.

Com a chegada dos anos 70, vieram também às telas as melhores produções do cinema de horror, como *O exorcista* (William Friedkin, 1973) – que tiraria os filmes de horror, definitivamente, da categoria B – *O massacre da serra elétrica* (Tobe Hooper, 1974) – que conquistou uma legião de fãs e admiradores – *Carrie, a estranha* (Brian de Palma, 1976) - adaptação do livro de Stephen King e responsável por revelar a atriz Sissy Spacek. Ainda nessa época foi lançado *O conde Drácula* (Roy Ward Baker, 1970) pela produtora inglesa Hammer, responsável por tornar o ator Christopher Lee a própria visão do personagem em uma série de outros filmes, sempre atraindo um bom público.

Nos anos 80 surge o que podemos chamar de horror explícito: nada de sutilezas ou meras sugestões, o horror é mostrado em sua totalidade, é repugnante e traz movimentos de câmera inovadores. Podemos colocar como o marco o ano de 1983 com o filme *A morte do demônio*, do diretor Sam Raimi. Considerado motivo de controvérsias entre fãs e crítica temos também o filme *O iluminado* (1980), do diretor Stanley Kubrick, uma adaptação do livro de

Stephen King, um mestre da literatura de horror moderno. Diretores de outros gêneros também se arriscaram no cinema de horror, como Steven Spielberg, no início da década de 80, que escreveu o roteiro de *Poltergeist* (1982) que foi dirigido por Tobe Hooper. A partir daí os filmes começavam a mesclar efeitos visuais como uma maneira de chamar a atenção da platéia.

Ainda durante esse período o público que mais consome esse tipo de filme é adolescente e foi ao longo desse tempo que se investiu de forma mais intensa nas produções para esse público. É por esse motivo que produções como *A hora do pesadelo*, *Sexta-Feira 13* e *Halloween*, mostram grupos formados por adolescentes como vítimas preferenciais de monstros do sono, criaturas que ressuscitam e psicopatas assassinos. A partir disso foram surgindo várias seqüências e essa acabou sendo a principal fórmula durante o cinema de horror durante a década seguinte.

Nos anos 90 as personagens surgidas no período anterior como Freddy Krueger, Jason e Chucky, de *Brinquedo assassino* (Tom Holland, 1988, 1990, 1991) – que mais tarde acabaria se tornando motivo de piadas – perdiam seu prestígio junto aos espectadores e foi Wes Craven com a série *Pânico* (1996, 1997, 2000, 2010), que deu um novo ânimo ao gênero. A partir de então surgiram as imitações: *Lenda urbana* (1998, 2000, 2005), *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado* (1997) e até a franquia de *Halloween* aderiu à moda. Atualmente fica um tanto complicado dizermos o que será do cinema de horror, afinal nada mais assusta o público, anestesiado com a avalanche visual que tornou o mais feio dos monstros em algo comum de se ver, fazendo com que ele deixasse de ser motivo de medo. Em 1992, por exemplo, Francis Ford Coppola fez sua adaptação do romance de Bram Stoker, *Drácula*, criando uma obra-prima. O filme não causa medo, mas a qualidade da produção fez o filme se tornar um sucesso. Filmes baseados em produções orientais obtiveram algum sucesso, como *O chamado* (2002) e *O grito* (2004), sendo explorados à exaustão e o público começou a cansar da brincadeira. A franquia *Jogos mortais* (James Wan, 2004-2009) fez surgir um novo filão, também explorado até o limite. Filmes como *O albergue* (Eli Roth, 2005) e *Viagem maldita²* (Alexandre Aja, 2006) até conseguiram algum sucesso, mas o lançamento mal

sucedido de seqüências mostra claramente que o público não é mais tão ingênuo ao ponto de comprar a mesma idéia várias vezes, comprovando que fórmulas prontas não mais proporcionam resultados duradores.

Mas nem tudo está perdido, pois ainda é possível mudar esse quadro se o gênero for explorado através de novas perspectivas. O horror psicológico, por exemplo, vem se tornando o centro das atenções nos últimos tempos, para entendermos essa nova perspectiva basta observarmos o sucesso do horror amador e psicológico do filme *A bruxa de Blair* (Daniel Myrick e Eduardo Sánchez, 1999). Esse tipo de abordagem, se utilizado de maneira correta pode recuperar o sucesso de outrora obtido pelo gênero do horror que foi se perdendo ao longo de sua jornada cinematográfica por falta de inteligência. Porém é importante entender que não está se falando em continuações para esse tipo de filme, mas a forma de abordagem trazida por ele. Assim, não são as chamadas “continuações” que farão o sucesso do gênero, mas as novas formas de abordagens, como no caso de diretores como Tim Burton, que se utiliza de outros gêneros, mas com uma temática macabra sempre presente em suas produções.

Não que seja necessário imitar as fórmulas já consagradas de Burton, pois isso não seria uma inovação, até porque os filmes e abordagens feitas pelo diretor não são nenhuma novidade, visto que ele trabalha com essa temática desde o começo de sua carreira, mas o que se propôs aqui é a utilização de novas fórmulas, assim como fez Burton, aliando gêneros e estilos e colocando a temática do macabro e do horror, mesclando temas divergentes e fazendo um novo cinema. Com isso, o cinema de horror não cai no esquecimento e os diretores terão mais tempo para pensar em novas abordagens, fazendo com que o gênero se recupere e obtenha o status do passado, como outros gêneros, ao ponto de atrair cineastas conceituados, como um dia atraiu Alfred Hitchcock, Roman Polanski e Brian de Palma. Além do fato de, no futuro, as fórmulas não serem mais vistas como clichês nem lugar comum e ganhem assim novo fôlego, principalmente para o público que virá a apreciar a temática do macabro, impedindo, então, a saturação do cinema de horror, para a felicidade dos cinéfilos e fãs do gênero.

REFERÊNCIAS

BATLLE, Diego. *Un film que no estuvo a la altura de lo esperado*. La Nación. NET. Argentina, 13 jan. 2005. Seção: Espetáculo. Disponível em <http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=670627>. Acesso em nov. 2009.

BORDWELL, David. *Estudos do cinema hoje e as vicissitudes da grande teoria* in RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *Teoria contemporânea do cinema* vol.1. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 25-70.

BUSCOMB, Edward. A idéia de gênero no cinema americano in RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *Teoria contemporânea do cinema* vol.2. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 304-318.

DUBLÊ de corpo. Direção: Brian de Palma. Intérpretes: Craig Wasson, Melanie Griffith, Gregg Henry, Deborah Shelton. [S.I.]: Columbia Pictures, 1984. 1 DVD (114 minutos). Son., Color.

GOMES, Regina. Revista Crítica Cultural. *Crítica de cinema: história e influência sobre o leitor*. NET. Crítica Cultural, volume 1, número 2, jul./dez. 2006. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica/0102/05.htm#_ftn1>. Acesso em Nov. 2009.

GUILHERMINO, Almir. Pré-cinema. 2008. Apresentação em *Power Point*.

JOGOS mortais. Direção: James Wan. Intérpretes: : Leigh Whannell, Cary Elwes, Danny Glover, Monica Potter. [S.I.]: Paris Filmes, 2004. 1 DVD (102 minutos). Son., Color.

KING, Stephen. *Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 319p.

KOEHLER, Robert. *The Exorcist – new version*. Variety. NET. Estados Unidos. 22 set. 2000. Seção: Film. Disponível em <<http://www.variety.com/review/VE1117788143.html?categoryid=31&cs=1&query=the+exorcist>>. Acesso em Nov. 2009.

LENNE, Gérard. *O cinema fantástico e suas mitologias*. Tradução de Carlos Leite, 1985.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. 4ª Ed. Campinas: Papyrus, 1997. 303p.

MATTOS, A. C. Gomes de. *Do cinetoscópio ao cinema digital: breve história do cinema americano*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 228p.

METZ, Christian. *A significação do cinema*. Tradução de Jean-Claude Bernardet. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. 292p.

O BEBÊ de Rosemary. Direção: Roman Polanski. Intérpretes: Mia Farrow, John Cassavetes, Ruth Gordon, Sidney Blackmer. [S.I.]: CIC, 1968. 1 DVD (136 minutos). Son., Color.

O EXORCISTA – A versão do diretor. Direção: William Friedkin. Intérpretes: Linda Blair, Ellen Burstyn, Max von Sydow, Jason Miller. [S.I.]: Warner Bros., 2000. 1 DVD (133 minutos). Son., Color.

O ILUMINADO. Direção: Stanley Kubrick. Intérpretes: Jack Nicholson , Shelley Duvall , Danny Lloyd. [S.I.]: Warner Bros, 1980. 1 DVD (144 minutos). Son., Color.

PSICOSE. Direção: Alfred Hitchcock. Intérpretes: Anthony Perkins, Janet Leigh. [S.I.]: Universal Studios, 1960. 1 DVD (109 minutos), Son., Preto & Branco.

PLATÃO. *A república*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004. 320p.

SIQUEIRA, Sérvulo. *O bebê de Rosemary*. Diário de São Paulo. NET. 27 maio. 1969. Disponível em <
<http://www.guesaaudiovisual.com/palavras/CriticaFilmes/obebederosemary.htm>
| >. Acesso em nov. 2009.

SMITH, Murray. *Espectatorialidade cinematográfica e a instituição da ficção in*
RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *Teoria contemporânea do cinema* vol. 1. São
Paulo: Editora Senac, 2005. p. 141-169.

